

O novo conceito operacional do Exército dos EUA, “Vencer em um mundo complexo”, e o Brasil

Michael A. Grygar*

O Exército dos Estados Unidos da América adotou recentemente um novo conceito operacional, com a finalidade de mudar a forma como seus oficiais e soldados veem e conduzem operações.¹ Este artigo analisa o novo conceito operacional, denominado “Vencer em um mundo complexo”, e demonstra que os oficiais do Exército Brasileiro estão muito à frente dos seus homólogos norte-americanos na prática desses conceitos, devido à organização e à missão do Exército Brasileiro.

General David G. Perkins, comandante do TRADOC — o Comando de Treinamento e Doutrina do Exército dos EUA — explicou bem o sentido da palavra “vencer” em seu artigo *2014 Green Book: The Army Operating Concept*.² Nesse texto, ele assinala que “vencer” requer muito mais do que somente o exército. A vitória envolve os níveis tático, operacional e estratégico da guerra, e a tomada de decisões em um ambiente JIIM.³ Requer um completo entendimento de todos os elementos envolvidos, vistos dos pontos de vista cultural, econômico, militar e político; o entendimento de todos os atores e

as relações entre eles; e o entendimento dos fatores que causam mudança. Segundo o general Perkins, a meta agora é empregar os elementos do “Poder Nacional”. Sua definição está alinhada com a definição contida no novo conceito operacional do Exército dos Estados Unidos, segundo o qual,

Vencer, neste conceito, significa cumprir os objetivos da política do comandante em chefe. Refere-se a mais do que simplesmente derrotar as forças do inimigo; significa o cumprimento das metas e objetivos nacionais que são únicos para cada operação. O comandante conjunto deve definir o sucesso para cada operação [ou campanha] com base nas metas e objetivos nacionais, que podem mudar, de acordo com as condições durante a operação.⁴

Ambas as definições focam no objetivo político global, em vez de limitar-se a um objetivo unicamente militar. O Exército está assumindo a responsabilidade pela realização do objetivo maior — no nível político — por trás da operação militar.

Tem sido argumentado, mais notavelmente pelo coronel Isaiah Wilson III, que

* Major do Exército dos Estados Unidos, com o curso de Comando e Estado-Maior (Fort Lee, Virginia) e mestrado em Estudos de Segurança Nacional, com foco na América Latina, na Escola de Pós-graduação da Marinha dos EUA, em Monterey, Califórnia. Atualmente, serve como instrutor convidado na ECEME.

o Exército dos EUA tem sofrido com a incapacidade recente para alcançar uma clara “vitória” no Afeganistão, Iraque, ou mesmo Vietnã, apesar dos sucessos militares esmagadores obtidos nos campos de batalha em cada um destes conflitos. Ele argumenta que os EUA têm atualmente uma “tendência nacional para vencer todas as batalhas e ainda assim perder a guerra”, tendência esta causada pela falha em entender que não deve haver uma linha rígida entre a guerra e a paz.⁵ “Vencer em um mundo complexo” é um passo no sentido de resolver esse paradoxo.

A próxima parte do título, “em um mundo complexo” é uma referência ao fato de que a guerra tem mudado. A ameaça futura não é conhecida, mas não consiste apenas nas forças armadas dos países inimigos. As guerras convencionais, nas quais um exército fardado, formado por um país soberano, luta contra outro exército fardado de outro país, não desapareceram. Mas outros atores estão atuando no palco internacional. Eles não são países e não estão fardados. Alguns atuam com apoio de governos, outros conseguem atuar sem esse apoio. Eles reconheceram que não podiam lutar da maneira convencional e mudaram de tática. Em alguns casos, eles apareceram onde os países convencionais não eram fortes, com a meta de formar uma nova sociedade, como no exemplo do ISIL⁶ (o grupo autodenominado “Estado Islâmico”) e Boko Haram. As suas campanhas geralmente incluem o controle total dos povos sob a sua influência, usando métodos bárbaros. O seu poder não reside só na força, e matar os seus líderes, embora difícil, não é impossível, mas temos

descoberto que não é tão simples. A sua força está nas ideias, é muito difícil matar uma ideia. Essa realidade cria um enorme desafio para o Exército. Como pode uma força militar superar um problema que requer não apenas uma abordagem militar, mas abordagens que cubram todos os outros elementos do poder nacional: diplomática, informativa, econômica, financeira, de inteligência e de aplicação da lei?

Sendo um conceito do Exército e para o Exército, o enfoque do novo conceito operacional é o treinamento das forças do Exército. O problema militar é:

Para atender às exigências do futuro ambiente estratégico em 2025 e além, como o Exército vai realizar operações conjuntas com presteza, em escala suficiente e com ampla duração para evitar conflitos, moldar ambientes de segurança e vencer as guerras?⁷

A ideia central desse conceito é compreender profundamente o engajamento internacional antes de sua eclosão, e destacar a necessidade de integrar as capacidades não encontradas em forças militares tradicionais.

O Exército, como parte de equipes conjuntas, interorganizacionais e multinacionais, protege o território nacional e engaja-se em nível regional para prevenir conflitos, moldar o ambiente de segurança e criar múltiplas opções para dar respostas e solucionar crises. Quando convocado, equipes de armas combinadas de reação global manobram a partir de diversos locais e múltiplos domínios com a finalidade de apresentar múltiplos dilemas ao inimigo, limitar suas opções, evitar seus pontos fortes e atacar seus pontos fracos. Forças organizadas rapidamente para a missão

colocarão em execução ações do tipo “missão comando”⁸ e integrarão capacidades conjuntas, interorganizacionais e multinacionais. As forças do Exército adaptam-se continuamente para conquistar, manter e explorar a iniciativa. As forças do Exército derrotam as organizações inimigas, controlam o terreno, protegem a população, consolidam as vantagens obtidas e preservam a liberdade de movimento da força conjunta bem como sua liberdade de ação nos domínios de terra, ar, mar, espaço e ciberespaço.⁹

O exército pode fazer essas mudanças, e alcançar uma abordagem militar. O que está faltando ao Exército, fora alguma capacidade que é encontrada nas Forças Especiais, é a capacidade diplomática, informacional, econômica, financeira, de inteligência e de aplicação da lei. Portanto, esse conceito operacional enfatiza a integração de elementos conjuntos, intraorganizacionais e multinacionais. Para avaliar como o exército vai conseguir uma abordagem intraorganizacional e multicultural, é útil atentar para a frase, “engajar regionalmente”, que é introduzida na ideia central.

A palavra “engajar” já tem um significado militar, e obviamente o novo conceito não quer dizer que o exército dos EUA deseja “abrir fogo” regionalmente, que é o sentido da palavra “engajar” nas “regras de engajamento”. Para entender este novo uso da palavra é interessante ver o novo conceito funcional para engajamento.¹⁰ Essa nova função de combate existe para solucionar um problema militar, especificamente: como o Exército pode operar de forma mais eficaz no domínio da terra, representando plenamente os aspectos humanos do conflito e da

guerra, fornecendo capacidades letais e não letais, para avaliar, dissuadir e influenciar as decisões das forças de segurança, governos e pessoas?¹¹ Em outras palavras, engajamento é a chave para os outros elementos de poder nacional.

A ideia central do engajamento está focada na capacidade das forças do Exército de alcançar sinergia com outros elementos, tanto militares como não-militares, nacionais e internacionais.

As forças do Exército do futuro devem proporcionar opções aos comandantes para empregar combinações de capacidades letais e não letais em ambientes complexos para a poiar a obtenção de resultados alinhados com os interesses dos EUA. Essas opções requererão que soldados e líderes assessorem e apoiem as forças de segurança, influenciem atores chave, desenvolvam capacidade de governança e de estado de direito e, quando for necessário, combatam junto com forças locais em todo o espectro das operações militares. A fim de consolidar ganhos e transferir responsabilidades a governos sustentáveis, as forças do Exército devem alcançar unidade de esforços com parceiros de ação unificada sobre um entendimento comum das forças de segurança, governos e população.¹²

A chave para este “engajamento” é a capacidade nos aspectos humanos do combate. A capacidade de se engajar é a capacidade de interagir e influenciar no nível interpessoal. Somente aqueles que são capazes de se comunicar com sucesso, tanto com os soldados como com os civis (de preferência em sua própria língua), podem integrar os recursos que esses atores multinacionais e interações oferecem às operações do

Exército. Sem a capacidade de se engajar, o Exército é autorrestrito e é apenas o elemento militar do poder nacional.

O que tem o Brasil que ver com tudo isso? Alguns poderiam dizer que não tem nada a ver, porque esse novo conceito operacional está todo focado no Exército dos EUA trabalhando fora do país, enquanto a grande maioria do Exército Brasileiro está trabalhando dentro do Brasil. Oficiais do Exército Brasileiro, no entanto, estão profundamente envolvidos com os elementos não militares do poder nacional.

Segundo a página oficial do Exército Brasileiro na internet, a missão das Forças Armadas Brasileiras é:

Contribuir para a garantia da soberania nacional, dos poderes constitucionais, da lei e da ordem, salvaguardando os interesses nacionais e **cooperando com o desenvolvimento nacional e o bem-estar social**. Para isso, preparar a Força Terrestre, mantendo-a em permanente estado de prontidão.¹³ (a ênfase é minha)

Entre os “Fatores críticos para o êxito da missão do Exército”, consta a

Integração à Nação, identificando suas necessidades, interpretando seus anseios, comungando de seus ideais e participando de suas realizações, conforme nossa Missão Constitucional ou por meio de Ações Subsidiárias.¹⁴

Na seção “Exército em ação”, destacam-se as operações do exército na Amazônia:

Colaborando com o povoamento em áreas longínquas, proporcionando um mínimo

de infraestrutura até que chegue o desenvolvimento, fornecendo serviços básicos, este trabalho silencioso é a parcela concreta da colaboração do Exército ao desenvolvimento da Nação.¹⁵

As ações cívico-sociais (ACISO) são atividades realizadas pelo Exército Brasileiro para prover assistência e auxílio a comunidades, desenvolvendo o espírito cívico e comunitário dos cidadãos, no país ou no exterior, para resolver problemas imediatos e prementes.¹⁶

Da mesma forma como acontece no Exército dos EUA, há oficiais do Exército Brasileiro que acreditam que essas ações subsidiárias estão fora do domínio militar tradicional — o reino de combate — e consideram que são distrações, na melhor das hipóteses, e que são prejudiciais para a sua futura prontidão de combate. A recente experiência de combate dos EUA sugere que este ponto de vista é equivocado. Essas atividades alargam as experiências do soldado brasileiro, e fazem o oficial brasileiro pensar em todo o espectro do poder nacional e não apenas dentro da esfera militar. Essas atividades preparam as Forças Armadas brasileiras para o ambiente operacional atual.

Este é o tipo de trabalho que os oficiais do exército dos EUA encontraram na chegada ao Afeganistão e no Iraque e para o qual eles estavam inicialmente despreparados para enfrentar. Muitos que não conseguem reconhecer a natureza da guerra de hoje argumentam que o Exército não deve estar envolvido nesse tipo de “construção de nações”. Os conceitos de “Vencer em um mundo complexo” deixam claro o fato de que “construção de nações” e “guerra” não se excluem mutuamente, mas ambos são es-

senciais para alcançar os objetivos políticos que são atribuídos aos militares. Enquanto as Forças Armadas dos EUA podem não ser treinadas ou equipadas para esse tipo de missão, oficiais militares são treinados para coordenar uns com os outros e ser flexíveis. “Vencer em um mundo complexo” garante que eles reconheçam a necessidade de coordenar com outras organizações, tanto civis como militares.

Os tenentes-coronéis brasileiros que são designados como os comandantes de qualquer unidade perto de uma das fronteiras do Brasil, ou qualquer unidade nas profundezas da Amazônia, sabe que seu

sucesso não depende inteiramente da sua capacidade para realizar com sucesso as missões que recebem dos seus comandantes superiores. Esses comandantes gastam uma quantidade enorme de tempo interagindo com as autoridades civis locais e avaliando o nível de suporte que eles podem ou não podem fornecer a essas autoridades. Acima de tudo, eles asseguram a manutenção de um bom relacionamento. Eles já estão bem encaminhados para alcançar vários dos pré-requisitos de “Vencer em um mundo complexo”. Pode ser que os militares dos EUA tenham muito que aprender com o Exército Brasileiro. ☺

Referências

BRASIL. Exército Brasileiro. Sítio do Exército Brasileiro na Internet. **Missão e Visão de Futuro**. Disponível em <http://www.eb.mil.br/web/guest/missao-e-visao-de-futuro>. Acesso em 25/11/2015.

_____. Sítio do Exército Brasileiro na Internet. **Exército em Ação – Amazônia**. Disponível em: <http://www.eb.mil.br/web/exercito-em-acao/amazonia>. Acesso em 25/11/2015.

_____. Sítio do Exército Brasileiro na Internet. **Exército em Ação – Ações Cívico-Sociais**. Disponível em: <http://www.eb.mil.br/web/exercito-em-acao/acoes-civico-sociais>. Acesso em 25/11/2015.

ESTADOS UNIDOS. Department of the Army, Headquarters. Army Doctrine Reference Publication. **ADRP 6-0 - Mission Command**. Washington: Department of the Army, 2012. Disponível em: <https://armypubs.us.army.mil/doctrine/index.html>). Acesso em 25/11/2015.

_____. Department of the Army. Headquarters, United States Army. **TRADOC Pamphlet 525-3-1. The U.S. Army Operating Concept: Win in a Complex World**. Fort Eustis, VA: Training and Doctrine Command, 2014(a).

_____. Department of the Army. Headquarters, United States Army. **TRADOC Pamphlet 525-8-5, US Army Functional Concept for Engagement**. Fort Eustis, VA: Training and Doctrine Command, 2014(b).

PERKINS, David G. **2014 Green Book: The Army Operating Concept**. WWW.ARMY.MIL – The Official Homepage of The United States Army. Disponível em: http://www.army.mil/article/134900/2014_Green_Book__The_Army_operating_concept/. Acesso em 25/11/2015.

WILSON III, Isaiah. **Thinking Beyond War: Civil Military Relations and Why America Fails to Win the Peace**. New York: Palgrave-Macmillan, 2007.

- ¹ ESTADOS UNIDOS. Department of the Army. Headquarters, United States Army. **TRADOC Pamphlet 525-3-1. The U.S. Army Operating Concept: Win in a Complex World**. Fort Eustis, VA: Training and Doctrine Command, 2014(a).
- ² PERKINS, David G. **2014 Green Book: The Army Operating Concept**. WWW.ARMY.MIL – The Official Homepage of The United States Army.
- ³ Acrônimo para *Joint, Interagency, Intergovernmental, Multinational* (Conjunta, Interagências, Intergovernamental, Multinacional).
- ⁴ ESTADOS UNIDOS, 2014(a), p. 49 (Nota No. 2). Tradução livre. No original: *Winning in this concept is meeting the policy objectives of the Commander in Chief. It refers to more than simply defeating threat forces; it means meeting national goals and objectives that are unique for each operation. The joint commander must define success for each operation (or campaign) based upon the national goals and objectives, which may change, based on conditions during the operation.*
- ⁵ WILSON III, Isaiah. **Thinking Beyond War: Civil Military Relations and Why America Fails to Win the Peace**. New York: Palgrave-Macmillan, 2007.
- ⁶ ISIL – acrônimo para *Islamic State of Iraq and the Levant*. Também conhecido como “ISIS”, “Daesh” e Estado Islâmico.
- ⁷ ESTADOS UNIDOS, 2014(a), p 16. Tradução livre. No original: *To meet the demands of the future strategic environment in 2025 and beyond, how does the Army conduct joint operations promptly, in sufficient scale, and for ample duration to prevent conflict, shape security environments, and win wars?*
- ⁸ “Missão Comando” é o exercício da autoridade e direção pelo comandante, usando ordens de missão para permitir iniciativas disciplinadas de acordo com a intenção do comandante, a fim de dar poder a líderes ágeis e adaptativos na condução de operações terrestres unificadas. [...] “Missão Comando” enfatiza intenção centralizada e execução descentralizada, por meio de iniciativa disciplinada. (ESTADOS UNIDOS. Department of the Army, Headquarters. Army Doctrine Reference Publication. **ADRP 6-0 - Mission Command**. Washington: Department of the Army, 2012, p. 1-1). Tradução livre. No original: *Mission command is the exercise of authority and direction by the commander using mission orders to enable disciplined initiative within the commander’s intent to empower agile and adaptive leaders in the conduct of unified land operations. [...] Mission command emphasizes centralized intent and dispersed execution through disciplined initiative.*
- ⁹ *Ibidem*, p 17. Tradução livre. No original: *The Army, as part of joint, interorganizational, and multinational teams, protects the homeland and engages regionally to prevent conflict, shape security environments, and create multiple options for responding to and resolving crises. When called upon, globally responsive combined arms teams maneuver from multiple locations and domains to present multiple dilemmas to the enemy, limit enemy options, avoid enemy strengths, and attack enemy weaknesses. Forces tailored rapidly to the mission will exercise mission command and integrate joint, interorganizational, and multinational capabilities. Army forces adapt continuously to seize, retain, and exploit the initiative. Army forces defeat enemy organizations, control terrain, secure populations, consolidate gains, and preserve joint force freedom of movement and action in the land, air, maritime, space, and cyberspace domains.*
- ¹⁰ ESTADOS UNIDOS. Department of the Army. Headquarters, United States Army. **TRADOC Pamphlet 525-8-5, US Army Functional Concept for Engagement**. Fort Eustis, VA: Training and Doctrine Command, 2014.
- ¹¹ *Ibidem*, p.11.
- ¹² *Ibidem*, p.11. Tradução livre. No original: *Future Army forces must provide options for commanders to employ combinations of lethal and nonlethal capabilities in complex environments to support the achievement of outcomes consistent with U.S. interests. These options will require Soldiers and leaders to advise and assist security forces, influence key actors, develop capacity in governance and rule of law and, when necessary, fight alongside indigenous forces across the range of military operations. To consolidate gains and transition*

responsibility to sustainable governments, Army forces must achieve unity of effort with unified action partners based on a common understanding of security forces, governments, and people.

- ¹³ BRASIL. Exército Brasileiro. Sítio do Exército Brasileiro na Internet. Missão e Visão de Futuro.
- ¹⁴ Ibidem.
- ¹⁵ BRASIL. Exército Brasileiro. Sítio do Exército Brasileiro na Internet. Exército em Ação - Amazônia.
- ¹⁶ BRASIL. Exército Brasileiro. Sítio do Exército Brasileiro na Internet. Exército em Ação - Ações Cívico-Sociais.

NR: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.